Dia 9 — Santa Francisca, Viúva

Santa Francisca, que com razão pode propor-se por modelo de virtude a todas as mulheres cristãs de qualquer estado e condição que sejam, nasceu em Roma no ano 1384. Tanto seu pai, Paulo de Bruxis, como sua mãe, Jacobina Rofrendesqui, eram de casas ilustríssimas e antiquíssimas. Mal nasceu ao mundo, conheceu-se bem que nascia destinada unicamente para o céu. A paciência, a doçura de seu natural, o amor à pureza numa idade em que mal se havia desenvolvido sua razão prognosticavam quanto havia de sobressair com o tempo em todo gênero de virtudes.

Nunca tomou gosto aos entretenimentos pueris, e muito menos àquelas melindrosas delicadezas que nascem, ao que parece, com as donzelinhas de sua qualidade. Desde menina repararam todos o amor que professava à solidão, ao retiro e à oração. Valia-se de cem pueris indústrias para ocultar dos olhos de seus pais e de sua aia as mortificações que fazia e, aos onze anos, tomou a resolução de encerrar-se num mosteiro e de consagrar-se a Deus inteiramente; mas seus pais, que tinham outras ideias, sem consultar sua inclinação, casaram-na, quando mal contava doze anos, com um cavaleiro romano, jovem, rico, nobre e de prendas muito sobressalentes, chamado Lourenço de Poncianis.

Comprometida já e ligada ao matrimônio, só pensou em santificar-se nele. Persuadida de que a verdadeira devoção consiste em cumprir perfeitamente com as obrigações de seu estado, dedicou toda a sua aplicação a não omitir nenhuma das correspondentes àquele em que se achava colocada pela divina Providência. Seu primeiro cuidado foi estudar o gênio e a inclinação do marido, impondo-se uma estreita obrigação de estar-lhe sempre rendidamente sujeita, evitando com o maior desvelo quanto pudesse ocasionar-lhe algum desgosto e turbar a paz e a boa harmonia entre ambos.

Poucos matrimônios se viram mais felizes, porque se viram poucos tão santos. A estima, o amor e o respeito eram recíprocos; a paz e a união, inalteráveis: quarenta anos viveram juntos sem que em todo este tempo tivesse havido o menor dissabor nem a mais mínima tibieza.

O principal objeto de sua atenção era sua família. Tendo-lhe dado Deus um filho e uma filha, esteve muito longe de fiar a outros o cuidado de sua educação, persuadida de que esta era a primeira obrigação de uma mãe cristã. Desempenhou-a tão cabalmente que seu filho morreu em odor de santidade à idade de nove anos; e a filha, que só tinha cinco quando morreu, estando para expirar, exclamou que estava vendo seu irmão resplandecente como um sol, que a convidava a que fosse gozar da mesma glória.

Lembrando-se do que diz o apóstolo em sua carta a Timóteo, que o que não cuida dos seus, especialmente dos que tem dentro de casa, em certa maneira renunciou a fé e é pior que um infiel, é imponderável a atenção com que velava sobre seus domésticos, o agrado e a bondade com que tratava os que a serviam. Olhava-os como a filhos e a todos servia ela como amorosa mãe. Quando caía doente algum criado seu, nunca permitia que o levassem ao hospital. Se vamos aos hospitais, dizia a santa, a servir aos pobres estranhos, por que não havemos de servir dentro de casa a nossos criados enfermos?

Conservando sempre o mesmo espírito de oração e de retiro, dizia que sua casa era seu convento; e, na verdade, assim o parecia, segundo a ordem, a regularidade e a piedade que reinava nela. Trabalhava com suas criadas em horas assinaladas; ela mesma lhes fazia a leitura de um livro espiritual e a oração todas as noites. Embora a exortação mais eficaz fosse a de seus grandes exemplos, com tudo isso de quando em quando convocava toda a família para fazer-lhe suas práticas espirituais, especialmente nas vésperas dos dias festivos; e, embora sua grande caridade a inclinasse a prover a todos abundantemente de tudo o necessário, a maior atividade de seu zelo se aplicava principalmente em cuidar da salvação de suas almas.

Desde o primeiro dia de suas bodas pôs interdito à concorrência de espetáculos, festins e diversões mundanas, sem fazer-lhe força o ver-se moça, rica e de nobreza tão qualificada. Costumava dizer que por ser rica e por ser nobre não deixava de ser cristã; isto é, que nem por isso se considerava menos obrigada a viver segundo as regras do Evangelho; e, em conclusão, que, havendo de seguir-se umas máximas, ela não conhecia outras melhores que as de Jesus Cristo.

Sempre vestiu lã, consentindo-o seu marido; e, embora os cômodos da casa estivessem adornados com a decência correspondente a seu estado, não se via neles coisa alguma que pudesse ofender a modéstia cristã. Nada tinha de austera, de carrancuda nem de desabrida sua devoção; antes sua doçura, seus aprazíveis modos e até sua mesma complacência tornavam mais amável a virtude; sendo seu exemplo de tanta edificação em Roma, especialmente com as pessoas de seu sexo e qualidade, que retirou das vaidades do mundo muitas matronas romanas, inspirando-lhes o mesmo amor à virtude que ela tinha. Não poucas a acompanharam numa espécie de congregação instituída sob a direção dos padres do oratório do monte Olivete, onde a santa emulação que excitou entre as congregadas despertou a caridade e o exercício das obras de misericórdia que se faziam em toda a cidade.

Embora fosse tão grande o amor que professava à oração, na qual regularmente recebia singularíssimos consolos, sabia interrompê-la sem impaciência e sem enfado sempre que a obrigação a chamava a outra parte; mostrando o Senhor quão grata lhe era esta disposição de ânimo por um sucesso milagroso. Rezava um dia com sua costumada devoção o ofício parvo da santíssima Virgem e num só verso interromperam-na quatro vezes, deixando-o todas as quatro sem dar o mais leve sinal de impaciência. Quando voltou a quarta vez a começar o mesmo verso, achou-o escrito com letras de ouro; o que não se teria sabido se a pessoa que ali se achava casualmente e foi testemunha da maravilha não o houvesse publicado.

O tempo que lhe sobrava da oração, dos exercícios espirituais e do cuidado doméstico da família dedicava-o inteiramente às obras de misericórdia. Era obedientíssima a seu diretor, o qual pôde

moderar suas penitências, mas não o desejo de fazê-las e de padecer. Dizia que a vista de Cristo crucificado a estava continuamente repreendendo por sua grande delicadeza; sendo assim que não era fácil tratar-se a si mesma com mais rigor do que ela se tratava.

Caminhava Santa Francisca a jornadas largas no caminho da perfeição quando o Senhor, que até então a havia cumulado de extraordinários favores, derramando em sua alma aquelas doçuras abundantes que fazem gostar com antecipação os lampejos da glória, quis dar-lhe parte em sua cruz, para que visse o mundo que a virtude de nossa santa era um fruto que se dava em todas as estações e que, não dependendo da abundância nem da prosperidade, era superior a todas as desgraças.

No ano de 1413 entrou em Roma Ladislau, rei de Nápoles, durante o cisma que afligia e destroçava a Igreja. Viu Francisca saqueada sua casa, confiscados seus bens e desterrados da cidade seu marido e seu cunhado Palucci. Padeceu esta desgraça com admirável constância; e, porque não pôde conter as lágrimas quando viu que lhe arrancavam o marido e o filho, toda a vida chorou este, a seu parecer, excessivo sentimento e o tratou como um grande delito do amor-próprio. Nunca respondia outra coisa aos que concorriam a consolá-la senão: o Senhor tirou-me o que me havia dado; pois seja seu nome bendito. Sua serenidade inalterável, sua perfeita resignação e sua tranquilidade foram o maior elogio de sua virtude, admirando e cativando os mesmos que haviam tido mais parte em suas desgraças.

Passada aquela tempestade, levantou-se o desterro ao marido, restituíram-se-lhe os bens e voltou a sua antiga prosperidade a família. Aproveitou-se Santa Francisca da boa disposição em que se achava seu esposo e persuadiu-o facilmente a que daqui em diante vivessem como irmão e irmã, entregando-se de todo à oração e ao exercício das obras de misericórdia.

Vendo-se já com maior liberdade para dedicar-se a suas devoções, alargou as rédeas a seu fervor e a seu zelo. Comia uma só vez ao dia; proibiu-se quase de todo, não só a carne, mas também o peixe; a roupa exterior e a interior eram de lã, sem voltar a usar linho; deitava-se vestida e não dormia mais que duas horas por noite. Trazia rente às carnes um saco de cerdas cingido com um aro de ferro que, introduzindo-se por elas, a machucava muito, causando-lhe agudíssimas dores. A vista só destes instrumentos de penitência, que ainda se conservam com grande veneração em seu mosteiro das oblatas, faz estremecer. Por muito tempo bebeu num crânio, para vencer sua delicadeza e repugnância. Tinha singularíssima devoção à paixão de Cristo e pediu com instâncias a este divino Salvador que lhe fizesse experimentar toda a amargura de sua dolorosa paixão todas as vezes que meditasse nela. Foi-lhe concedida esta graça, e muitas vezes a tiveram por morta pela veemência das dores que padecia.

Reduzida à família precisa e desembaraçada em parte de seu cuidado, vivia mais nos hospitais que em sua casa. Nenhum pobre envergonhado, nenhuma donzela necessitada e por isso mesmo exposta a maior perigo, nenhum infeliz se escondia a sua vigilância, a sua solicitude, a sua caridade e a seu zelo.

À vista da virtude amável de nossa santa, com suas discretas e piedosas conversações, mas muito mais com seus exemplos, perderam o gosto do mundo muitas donzelas e viúvas jovens, na maior parte pessoas de qualidade. Inspirou-lhe, pois, o Senhor o pensamento de fundar um mosteiro das

oblatas, isto é, de virgens e matronas que, desejosas de renunciar às vaidades do mundo, se dedicassem inteiramente a servir a Deus.

Como da parte do marido nunca achava embaraço nestas piedosas ideias, antes encontrava sempre nele toda a docilidade que podia desejar, empreendeu ainda em vida dele a fundação do mosteiro, que foi e é hoje um dos mais ilustres e dos mais santos da Igreja; onde grande número de donzelas e senhoras da primeira nobreza ressuscitam em suas pessoas o generoso desprezo das vaidades e das grandezas mundanas e com o exercício das maiores virtudes retratam fielmente a nossos olhos as de sua santa fundadora, cujo espírito conservam com singular perfeição.

Fundou Santa Francisca este piedoso mosteiro no ano de 1425 sob a regra de São Bento, acrescentando algumas constituições particulares, que ela mesma escreveu de sua mão e que foram aprovadas cinco ou seis anos depois pelo papa Eugênio IV. Esta nova ordem foi posta sob a proteção da santíssima Virgem. Foi tanto o número de donzelas que abraçaram desde logo este devoto instituto que foi preciso edificar outro mosteiro mais capaz. Deu-se-lhes o nome de oblatas porque, em lugar de fazer profissão, como as demais religiosas, só fazem oblação.

Poucos anos depois perdeu Santa Francisca sua cunhada Vannoccia, mulher de Palucci, companheira inseparável sua na maior parte das obras de caridade e imitadora fiel de suas virtudes. À morte da cunhada seguiu-se a de Lourenço Poncianis, seu marido, que sucedeu no ano de 1436. Vendo-se com isto desembaraçada nossa santa de tudo o que podia detê-la no mundo, foi encerrar-se em seu mosteiro das oblatas para acabar seus dias no exercício da penitência sob a regra que ela mesma lhes havia dado. Pediu de joelhos a suas próprias filhas que a recebessem, não como fundadora, mas como a mais inútil criada da casa. Tomou o hábito de religiosa e no mesmo dia de São Bento do ano de 1437 fez sua oblação; e desde aquele ponto não havia ministério tão humilde, não havia ofício tão baixo que não julgasse que lhe vinha muito largo, tendo-se por muito honrada em que lhe permitissem exercitá-lo. Humilhava-se continuamente diante das mais mínimas irmãs e reputava-se por indigna de estar em sua companhia.

Saía ela mesma fora da cidade a buscar a lenha necessária para a casa, trazendo-a umas vezes às costas e outras sobre um jumento que conduzia pelas ruas mais públicas de Roma, não havendo para Francisca maior gosto que quando lhe faziam crer que todos a desprezavam. Já não há que admirar que cumulasse o Senhor de favores tão extraordinários uma alma tão humilde.

Viam-na na oração ordinariamente arrebatada; e nestes maravilhosos êxtases revelava-lhe o Senhor os mistérios mais obscuros, ilustrando-a com luzes sobrenaturais. Concedeu-lhe o dom de profecia, o de penetrar os corações e também o dos milagres.

Comumente via o anjo de sua guarda em figura de um menino formosíssimo vestido de branco e tão resplandecente que a iluminava em meio da noite, e somente se lhe ocultava quando, por algum pensamento inútil ou por alguma palavra ociosa, a castigava Deus, privando-a deste insigne favor.

O ofício de superiora, que se viu obrigada a admitir, não alterou sua humildade nem seu recolhimento e só serviu para manifestar mais sua santidade por grande número de milagres. Não

se achando em toda a casa mais que três migalhas de pão para oitenta religiosas, logo que lançou a bênção à mesa houve bastante para todas. Trabalhando um dia em certa vinha com as irmãs e não se encontrando água para apagar a sede que as afligia, viram-se as videiras carregadas de cachos frescos, embora fosse pelo mês de janeiro. Respeitavam-na as tempestades e as chuvas, sem tocar-lhe a pessoa quando a apanhavam em campo descoberto. O príncipe das trevas fez os maiores esforços para espantá-la, para acovardá-la e até para enganá-la; mas em vão, porque os mais furiosos ataques dos espíritos malignos se convertiam em maior confusão deles mesmos, ficando sempre vitoriosa nossa Francisca. Enfim, sua vida foi uma cadeia de virtudes e de prodígios, por onde facilmente se compreenderá quão preciosa foi sua ditosa morte aos olhos do Senhor.

Preveniu-a de sua proximidade uma violenta febre que a acometeu e pôs em consternação não só suas filhas, mas toda Roma; só Francisca estava cheia de gozo vendo aproximar-se o feliz momento que a havia de unir com seu Deus. Prognosticou que morreria na quinta-feira, como sucedeu no dia 9 de março de 1440, aos cinquenta e seis anos de sua idade. Os milagres que operou em vida e morte determinaram o papa Paulo V a canonizá-la no ano de 1608, com uma solenidade correspondente à grande veneração que todo o mundo cristão professava de muito longo tempo a esta celebérrima santa.

São Gregório de Nissa, Bispo

Gregório, irmão de São Basílio, o Grande, foi instruído com esmero no conhecimento das letras sagradas e profanas. Viveu primeiramente no século, e nele contraiu matrimônio com Teosébia, mulher piedosa, cujas virtudes elogiou São Gregório de Nazianzo; mas algum tempo depois renunciou ao mundo e consagrou-se ao serviço da Igreja na classe de leitor. Sua paixão pela eloquência fê-lo abandonar logo as funções de sua ordem para ensinar retórica; determinação que lhe foi criticada por todos, olhando-a como uma desordem tão vergonhosa para o estado eclesiástico como funesta para aquele que se havia feito culpado dela. São Gregório de Nazianzo escreveu a nosso santo nos termos mais fortes e representou-lhe com tal viveza as más consequências de seu exemplo que por fim o reduziu a sua primeira vocação.

São Basílio, irmão de nosso santo, foi elevado no ano de 370 à sede de Cesareia, metrópole da Capadócia; e, conhecendo os talentos de Gregório, chamou-o a seu lado para que o ajudasse no exercício das funções episcopais. Não tardou o mesmo Gregório em ser julgado digno do episcopado; encarregou-se-lhe o governo da igreja de Nissa, na Capadócia; mas houve de recorrer-se à violência para fazê-lo consentir em sua consagração. Foi ordenado [^1] no ano de 372. Sua adesão à fé de Niceia suscitou-lhe em breve uma longa perseguição da parte dos arianos. Levaram estes hereges suas calúnias a Demóstenes, vigário do Ponto, o qual mandou uma companhia de soldados para prendê-lo. O santo deixou-se prender sem resistência; mas, como os soldados não quisessem conceder-lhe nenhum alívio, enfermo como estava, e apesar do rigor da estação, escapou de suas mãos e fez-se conduzir a um lugar retirado. Temeroso São Basílio de que a fuga de seu irmão inspirasse a Demóstenes uma resolução violenta, escreveu-lhe uma carta muito respeitosa em nome de todos os bispos da Capadócia, a fim de acalmá-lo e de dissipar as

prevenções que tinha contra Gregório. Suplicava-lhe também que fizesse examinar sua causa na província, melhor que em países distantes. Demóstenes reuniu em Nissa um concílio, no ano de 376, que se compôs unicamente de partidários de Ário. Não se sabe, contudo, que passasse nele nenhuma coisa considerável a respeito de nosso santo, cuja sede estava então ocupada por um miserável intruso, sem fé, sem costumes e sem capacidade. Gregório teve que abandonar o país, mais aflito ainda pelos rápidos progressos da heresia que pelos males e perigos que o rodeavam. Nesta ocasião escreveu a São Gregório de Nazianzo, o qual lhe respondeu exortando-o a pôr sua confiança no Senhor, que não permitiria o triunfo do erro contra a verdade, espécie de profecia que se realizou em pouco tempo.

Com efeito, o imperador Valente, acérrimo protetor do arianismo, morreu no ano 378, e o estado da Igreja mudou de aspecto. Gregório foi restabelecido em sua sede por Graciano, que ficou mandando em todo o império. Mas seu gozo foi turbado no ano seguinte com a morte de seu irmão São Basílio, a quem professava tanta veneração como carinho; deixando Nissa, passou a Cesareia para assistir a seus funerais, cumprindo assim os deveres que prescrevem a religião e a natureza. Os bispos ortodoxos do Oriente elegeram-no logo para reformar os abusos que se haviam introduzido nas igrejas da Arábia e da Palestina; mas não pôde executar esta comissão até o ano seguinte.

Deste intervalo aproveitou-se São Gregório para ir visitar sua irmã Santa Macrina, que dirigia um mosteiro de virgens na província do Ponto, e não a via havia oito anos. Achou-a São Gregório num estado de enfermidade que anunciava o termo próximo de seus dias. Teve, não obstante, com ela alguns entretenimentos sobre matérias de piedade; mas, agravando-se os males desta, expirou nos braços de seu irmão e foi enterrada na igreja dos Quarenta Mártires, distante sete ou oito estádios do mosteiro. Nosso santo fez por si mesmo a cerimônia de seus funerais.

Na primavera do ano 380 foi quando São Gregório de Nissa executou a comissão que havia recebido para as igrejas da Arábia e da Palestina. O imperador Teodósio facilitou-lhe a viagem, suprindo-lhe gratuitamente os transportes públicos. O santo e os que o acompanhavam iam cantando salmos pelo caminho e observavam os jejuns da Igreja. Não se sabe a ponto fixo que gênero de abusos reformou na Arábia, nem o que fez ali: quanto à Palestina, teve que deplorar bastantes desordens, a que não pôde remediar inteiramente; deu-lhe, contudo, muito consolo a devoção com que visitou aqueles santos lugares.

São Gregório assistiu ao concílio celebrado em Constantinopla no ano de 381 [^2]. Sua reputação era tal que era olhado no Oriente como o centro da comunhão católica; de sorte que era preciso que comunicasse com ele todo o que queria ser tido como ortodoxo. Assistiu também a outros dois concílios de Constantinopla, nos anos 382 e 394. No último sentou-se com os metropolitas, distinção outorgada a sua pessoa por razão de seu mérito. Morreu nosso santo por volta do ano de 400, a dez de janeiro, segundo se crê, dia em que os gregos celebraram sempre sua festa, embora os latinos honrem sua memória a nove de março.

Os antigos cumularam de elogios a São Gregório de Nissa, exaltando sobretudo sua prudência, sua fé, sua inocência, sua moderação e sua fortaleza nas adversidades. O sétimo concílio geral o venerava tanto que lhe deu o título de Pai dos Padres e produziu seus escritos para confirmar a

antiga doutrina da Igreja e para condenar com seu sufrágio as impiedades de Nestório. Em suas obras brilha a força e robustez do raciocínio, a fluidez e soltura da linguagem, a pureza da dicção, a elegância e magnificência do estilo, podendo ser comparado aos mais célebres oradores da antiguidade. Mas onde de certa maneira se excede a si mesmo é nas obras polêmicas; nelas mostra uma penetração singular e uma sagacidade maravilhosa para desenvolver e confundir os sofismas. É de todos os padres quem melhor refutou a Eunômio. Só em suas exposições da Escritura se lhe nota um gosto excessivo pela alegoria, explicando muitos textos em sentido figurado que é mais natural entendê-los à letra.

Suas obras principais são: 1º o *Hexâmeron*, ou livro sobre a criação dos seis dias, e o tratado da formação do homem, que é uma continuação da obra precedente. 2º O livro da *Vida de Moisés*, ou da vida perfeita. 3º Os dois tratados sobre os títulos dos Salmos. 4º Oito homilias sobre os três primeiros capítulos do Eclesiastes; quinze sobre o Cântico dos Cânticos; cinco sobre a Oração dominical e oito sobre as Bem-aventuranças. 5º O *Antirrético*, ou tratado contra Apolinário. 6º A *Epístola canônica a Letóio*, que forma parte dos cânones penitenciais. 7º Os doze livros contra Eunômio, sobre a divindade e consubstancialidade do Verbo. 8º A *Grande Catequese*, que serve para dirigir os catequistas no ensino dos mistérios da fé. 9º Vários tratados morais, discursos dogmáticos e cartas.

Martirológio Romano

Em Roma, Santa Francisca, viúva, ilustre em qualidade, em santidade e no dom de fazer milagres.

Em Sebaste da Armênia, o trânsito dos quarenta santos soldados mártires da Capadócia, aos quais, sendo imperador Licínio e presidente Agrícola, depois de os haverem posto num cárcere espantoso carregados de cadeias e de lhes haverem machucado o rosto com pedras, no rigor do inverno, lançaram nus num tanque gelado, onde estiveram toda uma noite ao descoberto; seus membros com o gelo se deslocavam; finalmente consumaram seu martírio tendo-lhes sido quebradas as pernas. Os mais nobres entre eles eram Círion e Cândido. São Basílio e outros padres celebraram em seus escritos as glórias destes mártires; sua festa se celebra amanhã.

Em Nissa, a ditosa morte de São Gregório, bispo, irmão de São Basílio, o Magno, ilustre em santidade e doutrina, o qual, por defender a fé católica, foi desterrado de sua cidade no tempo do imperador Valente, ariano.

Em Barcelona, na Espanha, São Paciano, bispo, célebre por sua santa vida e por sua eloquência, o qual morreu na última velhice, no tempo do imperador Teodósio.

Na Morávia, os santos bispos Cirilo e Metódio, os quais converteram à fé de Cristo muitos povos daquelas regiões juntamente com seus reis.

Em Bolonha, Santa Catarina, virgem, da ordem de Santa Clara, ilustre em santidade, e cujo corpo se venera ali mesmo com grande devoção.

Missa (oração)

A missa é em honra de Santa Francisca, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui beatam Franciscam famulam tuam, inter cetera dona, familiari angeli consuetudine decorasti; concede, quæsumus, ut intercessionis ejus auxilio, angelorum consortium consequi mereamur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que entre outros admiráveis dons concedestes a vossa serva Santa Francisca a graça de conversar familiarmente com seu anjo, suplicamo-vos que, por sua intercessão, nos concedais que algum dia mereçamos louvar-vos em companhia dos mesmos espíritos celestiais. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 da primeira do apóstolo São Paulo a Timóteo.

1 Timóteo 5,3-10

> **Latim:** 3 viduas honora, quæ vere viduæ sunt. 4 Si qua autem vidua filios, aut nepotes habet : discat primum domum suam regere, et mutuam vicem reddere parentibus : hoc enim acceptum est coram Deo. 5 Quæ autem vere vidua est, et desolata, speret in Deum, et instet obsecrationibus, et orationibus nocte ac die. 6 Nam quæ in deliciis est, vivens mortua est. 7 Et hoc præcipe, ut irreprehensibiles sint. 8 Si quis autem suorum, et maxime domesticorum, curam non habet, fidem negavit, et est infideli deterior. 9 Vidua eligatur non minus sexaginta annorum, quæ fuerit unius viri uxor, 10 in operibus bonis testimonium habens, si filios educavit, si hospitio recepit, si sanctorum pedes lavit, si tribulationem patientibus subministravit, si omne opus bonum subsecuta est.

Português: 3 Honra as viúvas, que são verdadeiramente viúvas. 4 E se alguma viúva tem filhos, ou netos: aprenda primeiro a governar a sua casa, e a corresponder a seus pais: porque isto he acceto diante de Deos. 5 Mas a que verdadeiramente he viúva, e desamparada, espere em Deos, e esteja perseverante em rogar, e orar de noite e de dia. 6 Porque a que vive em deleites, vivendo está morta. 7 Manda pois isto, para que elles sejão irreprensiveis. 8 E se algum não tem cuidado dos seus, e principalmente dos da sua casa, esse negou a fé, e he peior que hun infiel. 9 A viúva

seja eleita, não tendo menos de sessenta annos, a qual não haja tido mais de hum marido, [10] approvada com testemunho de boas obras, se educou a seus filhos, se exercitou a hospitalidade, se lavou os pés aos santos, se acudio ao alivio dos atribulados, se praticou toda a obra boa.

Nota

«Estando São Paulo em Roma com toda a liberdade, fez uma viagem à Judeia, como o havia oferecido em sua epístola aos Hebreus. Passando depois à Macedônia, escreveu dali sua primeira carta a Timóteo, a quem havia deixado em Éfeso. Depois de explicar-lhe nela as obrigações do bispo, adverte-o de que prescreva às mulheres o modo honesto de vestir-se e de adornar-se e instrui-o em particular das qualidades que haviam de ter as viúvas, de quem então se servia a Igreja para certos ministérios de caridade. Escreveu-se esta epístola no ano do Senhor de 64.»

Reflexões

É a viuvez um estado de luto, de privação e de retiro. Querer alegrar-se, tomar gosto às diversões, expor-se demasiado ao ar do mundo é sair de seu estado. Repartindo São Gregório papa todos os fiéis em diferentes classes, declara que as viúvas pertencem à segunda. Realmente sempre alcançaram na Igreja um lugar muito distinto. O mesmo Deus quis chamar-se na Escritura protetor das viúvas; mas daquelas que o são verdadeiramente, como diz São Paulo: *Quæ vere viduæ sunt*; isto é, das que com sua circunspecção, com sua piedade, com sua modéstia, com seu retiro sustentam a honra de sua viuvez.

Que indignidade, que escândalo é ver algumas viúvas moças voltar a engolfar-se no mundo depois de haverem sido tiradas dele por um golpe da divina Providência, que principalmente se dirigia a sua eterna salvação, rompendo a tempo as doces cadeias que as aprisionavam! De quantos escolhos as havia apartado este ditoso golpe de tempestade! A mão de Deus foi a que de repente cobriu de sombras e de luto aquele excesso de vaidade, de profanidade e de galas. Aqueles olhos perpetuamente cravados nas criaturas jamais sabiam levantar-se para o céu; aquele coração pegado à terra havia perdido o gosto aos bens celestiais. Embriagada a alma nos deleites, enganosamente induzida pelos sentidos e encantada com os falsos brilhos do mundo, corria a sua perdição. Era mister tirar a máscara a tantos objetos disfarçados, fazê-la palpar a vaidade das alegrias do mundo e que tocasse com a mão a caduca instabilidade dos bens aparentes. Para tudo isto era indispensável romper aquele nó, arrancar-lhe aquela venda, fazer verter lágrimas àqueles olhos para que se lhe desanuviasse a vista; finalmente, era mister borrifar de amargo fel todas as doçuras mentirosas que no sabor eram açúcar e na substância veneno. Tudo isto fez Deus retirando do mundo aquele esposo. A imagem da morte, o afastamento dos objetos, a tristeza, os prantos, o retiro, embora tudo seja involuntário, tudo contribui para obrigar uma alma, digamo-lo assim, a que ao menos por algum tempo seja algo mais cristã. Mas por que não perseverará no começado? Por que não entrará nos desígnios da divina Providência? Desfez o Senhor os laços que a aprisionavam; que lástima voltar a fabricar-se novas cadeias! Restituiu-se ditosamente a sua

antiga liberdade, e não sossega até voltar a ver-se em nova servidão. Poucas segundas núpcias há sem muito arrependimento.

A viúva que se dá às diversões é morta com aparências de vida: *Nam quæ in deliciis est, vivens mortua est*. Quão pouco se gosta hoje no mundo desta verdade! Mas deixará de ser menos verdade porque se goste pouco no mundo? As diversões mundanas são perniciosas a todo gênero de pessoas; mas infalivelmente têm mais veneno para as de certos estados. Nem sempre é visível, nem se segue prontamente a morte da alma; mas não são menos danosos nem menos mortais os venenos lentos que os executivos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus.

Mateus 13,44-52

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, 50 et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. 51 Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. 52 Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: 44 O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. 45 Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. 46 E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. 47 Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: 48 e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. 49 Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, 50 e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. 51 Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. 52 Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he

semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

Das adversidades

Primeiro ponto

Considera que não há coisa mais comum nem menos conhecida que as adversidades. Em todas as partes se acham e em todas se olham como puras desgraças. Com tudo isso, nenhuma adversidade há que não pudesse ser muito útil se se considerasse bem o que vale.

Os santos sempre as estimaram como favores. Elas servem de contraveneno às paixões; sua amargura é um especial remédio contra o amor-próprio; não há medicina mais eficaz para curar as ilusões do coração e a cegueira da alma. A prosperidade embriaga, ou pelo menos ofusca. É muito dificultoso que o coração não se abrande quando tudo lhe sorri, quando tudo o afaga e o lisonjeia. As adversidades fazem perder o gosto às criaturas; contêm o admirável segredo de tornar-nos sensíveis e deliciosos os bens espirituais.

A prosperidade pega o coração ao mundo, fomenta o esquecimento de Deus e nutre a alma em seus defeitos. A adversidade tem três efeitos contrários: desprende o coração da terra, une-o a Deus mais fortemente, cria e cultiva todas as virtudes.

Se somos bons, as adversidades nos são úteis; se somos maus, nos são necessárias. Que imenso cabedal de méritos se acha no que se padece! Seguramente se pode dizer que as adversidades são um tesouro escondido. Se é preciso satisfazer pelas culpas, se são necessárias graças preservativas, se é mister domar as paixões e desarmar de alguma maneira o inimigo de nossa salvação, tudo é próprio das adversidades. Nosso divino Salvador, expirando numa cruz, tornou preciosos os trabalhos. A árvore da cruz em todo tempo dá frutos sazonados. Ó meu Deus, e quão pouco conhecemos o que valem estes frutos!

Foge-se das cruzes; mas não importa, elas saberão encontrar-nos. Em todas as partes nascem, porque em todas estão semeadas, e dentro de nós mesmos levamos as raízes. Não há que pensar em evitá-las, mas em aproveitar-se delas. Levando-as com paciência, fazem-se mais leves, e levando-as com alegria, fazem-se mais doces.

O primeiro fruto das adversidades é a humildade. Nunca se conserva melhor a inocência que entre os espinhos. São a vereda mais direita e também a mais breve para ir ao céu. Sendo isto assim, olham-se com horror os trabalhos! Meu Deus, que erro tão comum, mas que erro tão pernicioso! Que tesouro de graças e merecimentos não teria adquirido eu se houvesse sabido aproveitar-me dos trabalhos e das adversidades! Nem por isso teria padecido mais. Já se teria passado sua amargura, e só me restaria a doce esperança do prêmio que me aguardava. Ó grande Deus, e

quão digno de compaixão é um cristão que não sabe fazer-se ditoso pelos trabalhos!

Segundo ponto

Considera que é verdadeiramente digno de admiração que um homem que tem fé não compreenda o preço e a indispensável necessidade dos trabalhos. Penetra bem o sentido destes oráculos: O que não leva sua cruz e me segue não pode ser meu discípulo. Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia sua cruz e siga-me; porque o que quiser salvar sua vida a perderá; e o que a perder por mim a salvará [^3]. Jesus Cristo é quem fala desta sorte. Quando levamos as cruzes com desgosto, quando tratamos de desgraças as adversidades, quando bramamos à vista da humilhação e dos trabalhos, cremos seriamente as palavras de Jesus Cristo?

Não há que esperar ter parte nos favores de nosso Deus e estar isentos de padecer. Desde que se estabeleceu a lei de graça não há privilégios para os escolhidos do Senhor em ordem aos bens e às alegrias deste mundo; não há para eles isenções nem dispensas em ordem às cruzes desta vida. Tendo padecido tanto o Filho querido de seu Pai, seria razão que não padecessem os que são especialmente amados do mesmo Filho? Tendo sido Jesus Cristo varão de dores, que se chama o predestinado por excelência, seria justo que os demais predestinados fossem de caráter diferente? Não houve favorecido algum do Senhor que não tivesse bebido de seu cálice; antes esta é condição precisa para aspirar a ser seu favorecido: *Potestis bibere calicem?* Pois como se hão de ter por desgraçados os que logram este privilégio?

Muitos bebem cada dia, mas sem pensar nisso, o cálice do Salvador. Tantas desgraças como lhes sucedem, tantas injustiças como lhes fazem, tantas perseguições como padecem. Quantos desgostos há que engolir, quantas humilhações, quantas contradições, quantas mortificações, quantas rasteiras, quantas pesadumbres, quantas enfermidades que não se podem evitar! Esta é a porção do cálice que Deus lhes preparou; mas, porquanto não se considera como porção do cálice de Jesus Cristo, este cálice não é para eles cálice de salvação, e daí nasce que só encontram nele fel e amargura. Se se quer gostar sua doçura, olhem-se com olhos cristãos as adversidades como meios para a salvação, como prendas de amor do Senhor, como tesouro dos escolhidos e como herança própria sua. O que se acha humilhado, sofra-o com paciência e com resignação; padeça com submissão e com ação de graças. Então os trabalhos não só serão meritórios, mas lhe servirão de consolo; o cálice não será amargo, e somente se encontrará nele doçura e suavidade. Assim o experimentou ditosamente Santa Francisca.

Ah, Senhor, e quanto sinto não haver sabido aproveitar-me até agora deste tesouro escondido! Muitas vezes bebi o cálice sem saber que era vosso. Eu prometo, Senhor, com toda a confiança que me inspira vossa divina graça, olhar daqui em diante com respeito as adversidades. Dignai-vos dar-me alento para isso.

Jaculatórias

> *Bonum mihi quia humiliasti me: ut discam justificationes tuas.* Sl 118.

Bom é, Senhor, para mim que me tenhais humilhado, porque assim aprenderei a guardar vossos mandamentos.

> *Virga tua, et baculus tuus, ipsa me consolata sunt.* Sl 22.

Sim, meu Deus, nos golpes que descarregais sobre mim encontro eu meu maior consolo.

Propósitos

1. Temos um grande pontífice, diz São Paulo, que sabe compadecer-se de nossos males e que, para senti-los mais, quis primeiro experimentá-los em sua pessoa. Compadeceu-se das turbas no deserto, enterneceu-se ao ver o luto da viúva de Naim, chorou sobre o sepulcro de Lázaro. Mas, se se lastima tanto de nossos trabalhos, em que consiste que goste de ver metidos neles os que mais quer? Aqui há sem dúvida mistério. É que os trabalhos, as humilhações, as aflições nos são úteis, nos são necessárias. Toda prosperidade é suspeita ou pelo menos arriscada. Poucas virtudes deixam de bastardear em meio de uma longa prosperidade. Corrige um modo de falar muito comum, mas pouco cristão, que se usa hoje no mundo; guarda-te bem de chamar desgraçados os que padecem trabalhos. As cruzes, já sejam castigo, já sejam prova, sempre são respeitáveis em começando a ser cruzes. Tens parentes pobres? Sucedeu algum trabalho a algum de teus amigos? Conheces alguma família cheia de necessidade e de miséria? Pois olha a todas essas pessoas como almas privilegiadas; visita-as, consola-as, oferece-lhes teus bons ofícios e tem-te a ti mesmo por infeliz quando tudo te sorri. É coisa dissonante, é vergonhosa e até de certa maneira escandalosa que os cristãos olhem com horror as cruzes. Não desmintamos nossas máximas com nossas obras e lembremo-nos de que não são os mais ditosos os dias mais serenos, os mais tranquilos, os mais risonhos do mundo. Discorre, fala e obra daqui em diante segundo esta filosofia moral.

2. Impõe-te como uma lei dar sempre graças a Deus, assim na prosperidade como na adversidade: *Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?* [^4] Se recebemos como vindas da mão de Deus as prosperidades, por que não receberemos como vindas da mesma mão as adversidades? Bem se pode recorrer aos santos para conseguir de Deus por sua intercessão que nos preserve de certos contratempos, que nos livre de certas enfermidades; mas sempre há de ser com o corretivo de se convier para maior glória de Deus e bem de nossas almas. Com este mesmo espírito deves pedir ao Senhor, por intercessão de São Francisco Xavier, aquelas graças que julgas necessárias. Sem a virtude da paciência não pode passar o cristão.

Oração para o sexto dia da novena.

«Glorioso São Francisco Xavier, que, destituído de todo humano consolo, consumido de trabalhos, reduzido à última extremidade e carregado de injúrias por Jesus Cristo, conservaste sempre uma paciência inalterável, suplico-te que me alcances esta magnânima virtude, com a graça de saber aproveitar-me bem dos trabalhos desta vida, e ao mesmo tempo a que em particular te peço nesta novena; mas sempre com perfeita submissão à vontade de meu Deus, não querendo coisa alguma senão a sua maior glória. Amém.»

[^1]: Cave supôs falsamente que nosso santo continuou vivendo com sua mulher, mesmo depois de ser bispo. Isto era contrário ao que se praticava em todas as igrejas orientais, segundo nos ensina São Jerônimo. Quanto a Teosébia, parece que viveu até os anos 380; mas guardou a continência depois da consagração de seu marido. São Gregório Nazianzeno, que faz seu elogio na carta 95, diz que se a viu caminhar pelas pegadas de seus cunhados que estavam no sacerdócio. Chama-a pessoa sagrada, sem dúvida porque foi elevada ao grau de diaconisa quando o foi seu esposo ao episcopado. [^2]: O OCR traz “361”; corrigido para 381 (Primeiro Concílio de Constantinopla), conforme a sequência cronológica do texto (cf. os anos 380, 382 e 394 citados em volta). [^3]: Lc 14. [^4]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) A passagem corresponde a Jó 2,10.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:45:49 by Admin
Updated 20 November 2026 20:45:49 by Admin